

SÁ-CARNEIRO, MÁRIO DE

(Lisboa, 1890 – Paris, 1916)

Aquele que foi, com Pessoa, um dos dois grandes poetas do «Orpheu», e em cuja obra se verificou o trânsito do simbolismo para o modernismo, dedicou, mais ainda que o autor do *Marinheiro*, uma atenção constante ao teatro. Fundou um grupo de teatro de amadores, para o qual escreveu e traduziu peças, e escreveu sobre teatro, entre outros, um importante ensaio («O Teatro-Arte», 1913) cujas coordenadas estéticas se aproximam da teorização de um Gordon Graig. Ter-se-ão perdido os manuscritos das peças *O Vencido*, um acto representado por amadores em 1905, e *Irmãos*, que igualmente o haveria sido em 1913; e não terá passado de projecto uma peça sobre o tema da desilusão, que se chamaria *A Força*, anunciada numa carta desse ano a Fernando Pessoa. Mas foi publicada e representada em 1912 a peça em 3 actos *Amizade*, escrita com o seu companheiro de liceu Tomás Cabreira Júnior, e foi recentemente (1982) publicado o texto da peça num acto *Alma**, escrita no ano seguinte com outro colega de estudos, António Ponce de Leão. E se a primeira destas (que Pessoa excluía das obras completas do seu amigo) sacrifica ainda às estruturas cénicas do naturalismo, a segunda representa já uma ousada incursão nos domínios do subconsciente, qual o teatro português dessa época não conheceu ainda.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 121.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.